

## O poeta como expressão das dimensões fundamentais do humano em Aristóteles

**Rafael Adolfo**

*Instituto Federal de Santa Catarina*  
[filosofiaara@gmail.com](mailto:filosofiaara@gmail.com)

A definição aristotélica do ser humano como animal racional e político espelha as suas dimensões mais fundamentais: o sentir, o pensar e o agir. Aristóteles compreende, por um lado, que o filósofo é aquele que melhor alcança o desenvolvimento mais pleno da razão; por outro, que o político (ou o cidadão) é aquele que melhor realiza a dimensão do agir prático (ético-político) – e aqui não fazemos quais que identificar os dois modos de vida candidatos à vida mais feliz, segundo o filósofo. Objetivamos mostrar que a dimensão do sentir e do agir produtivo (arte) aponta o poeta não apenas como o mais capaz de viver plenamente essa dimensão, mas também como aquele que é capaz de incorporar, até certo ponto, o que é característico da vida do filósofo e da vida ético-política, harmonizando sem prejuízos recíprocos as capacidades mais fundamentais do humano. Com base na Poética, na Retórica, na Política e na Ética a Nicômaco, nosso objetivo se orienta pela ideia da íntima relação resguardada por Aristóteles entre filosofia e poesia e da finalidade ético-política da arte poética na educação moral da cidade, sobretudo, com relação à função das emoções na poesia. Aliás, as emoções na arte poética só se explicam plenamente em sua relação com a razão e com o universo axiológico da ação prática (ético-política) imitada pela poeta. Assim, no modo de ser que é próprio do poeta se exprimem as aquelas dimensões mais fundamentais do humano.

**Palavras-chave:** Aristóteles, Poeta, sensação, razão, ação.

### Introdução

O sentir, o pensar e o agir são as três dimensões mais fundamentais de qualquer indivíduo humano, de acordo com a definição aristotélica de ser humano. Aristóteles oferece razões para aceitarmos que, por um lado, o filósofo é aquele que melhor espelha o desenvolvimento mais pleno da razão humana; por outro lado, o político (ou o cidadão) é aquele que melhor realiza a dimensão do agir prático (isto é, da ação ético-política). Vou tentar defender aqui a tese de que a dimensão senciante e produtiva (ou artefactual) da vida humana parece apontar o poeta não apenas como o mais capaz a viver plenamente essa dimensão, mas também como aquele que está mais apto a incorporar, até certo ponto, o que é próprio do filósofo (vida contemplativa) e do político (vida ético-política), harmonizando sem prejuízos recíprocos as capacidades mais fundamentais do humano. Buscarei mostrar que o poeta incorpora em seu modo de ser senciante e produtivo um aperfeiçoamento racional em certo sentido filosófico e uma parte da função ético-política a que se destina a ação do político (ou cidadão). O cumprimento dessa tarefa tem por parâmetro principal a

ideia da íntima relação resguardada por Aristóteles entre filosofia e poesia e da finalidade ético-política da arte poética na educação moral da cidade, sobretudo, com relação à função das emoções na poesia.

## As dimensões fundamentais do ser humano

A célebre definição aristotélica do ser humano (ἄνθρωπος) como um ‘animal (ζῷον) racional (λόγος) e político (πολιτικόν)’<sup>1</sup> espelha as três dimensões mais fundamentais do humano, a saber, o sentir, o pensar e o agir.

A razão pela qual o homem (ἄνθρωπος), mais do que uma abelha ou um animal gregário, é um ser vivo (ζῷον) político (πολιτικόν) em sentido pleno, é óbvia. A natureza, conforme dizemos, não faz nada ao desbarato, e só o homem, de entre todos os seres vivos, possui a palavra (λόγος). Assim, enquanto a voz indica prazer ou sofrimento, e nesse sentido é também atributo de outros animais (cuja natureza também atinge sensações (αἴσθησις) de dor e de prazer e é capaz de as indicar) o discurso, por outro lado, serve para tornar claro o útil e o prejudicial e, por conseguinte, o justo e o injusto. É que, perante os outros seres vivos, o homem tem as suas peculiaridades: só ele sente o bem e o mal, o justo e o injusto; é a comunidade destes sentimentos que produz (ποιέω) a família e a cidade.<sup>2</sup>

A dimensão animal do ser humano põe em evidência a vida sensível que ele compartilha com os animais não racionais, pois eles se constituem primordialmente pela percepção sensível.<sup>3</sup> E “todos os animais têm ao menos um dos sentidos — o tato — e, naquele em que subsiste percepção sensível, também subsiste prazer e dor, percebendo o prazeroso e o doloroso”.<sup>4</sup> Assim, “quer o homem, quer o animal terão percepções, mas as do homem estão impregnadas desde o início de racionalidade, ao contrário dos da fera”.<sup>5</sup> Ora, ‘só homem, de entre todos os seres vivos, possui a palavra’, isto é, razão. A parte racional é, pois, o que define a espécie humana de outras espécies de animais e exprime o que há de mais elevado e divino no humano.<sup>6</sup> Por sua vez, sensação e a razão descrevem as condições

---

<sup>1</sup> ARISTÓTELES. *Política*. Ed. bilíngue grego-português. Tradução e notas António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

<sup>2</sup> *Pol.* 1253a7-15

<sup>3</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores) 1102b4-5; ARISTÓTELES. *De anima*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006, 413b1.

<sup>4</sup> *De an.* 414a29

<sup>5</sup> NATALI, C. Aristóteles. Tradução Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Paulus, 2016, p. 185.

<sup>6</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. 2, 1074b15; *Et. Nic* 1177a12-25.

elementares do projeto hilemórfico de Aristóteles na compreensão do indivíduo humano como um composto de corpo e alma.<sup>7</sup>

Mediante pois a característica genérica (animal) e específica (racional) do humano, Aristóteles esclarece que a alma é, pois, dotada de uma parte irracional e uma parte racional. Mas a parte irracional da alma é dupla e apenas aquela que diz respeito às funções vegetativas (crescimento e nutrição, p. ex.) é completamente ausente de razão. “Com efeito, o elemento vegetativo não tem nenhuma participação num princípio racional, mas o apetitivo e, em geral, o elemento desiderativo participa dele em certo sentido, na medida em que o escuta e o obedece”.<sup>8</sup> As pathé da alma, tais quais a raiva, o temor e a piedade, são exemplos de afecções que podem ser situadas na parte apetitiva da alma. Elas correspondem a certas ocorrências que podem ser ou não refratárias à razão, dado o aspecto fisiológico e psíquico pelo qual Aristóteles descreve as emoções.<sup>9</sup>

Outra característica do ser humano é o de ser πολιτικόν (político). Com esse termo, Aristóteles aponta para outra dimensão humana fundamental: a ação. O tipo de ação mais evidente a que ele se refere e é próprio da esfera ético-política é a que designamos com o termo grego πράξις (práxis), isto é, o agir prática. Esse termo não aparece no excerto da Política apresentado acima. Mas está evidente em outras passagens que deixam clara a caracterização desse tipo de ação, por meio da qual se constituem a vida ético-político. Dizemos ético-político porque há uma correspondência entre esses domínios (ético e político) em Aristóteles:

a ética estabelece a causa final do agir humano, a felicidade, enquanto a política encontra os modos para educar os cidadãos a viverem uma vida feliz (1180a32-35), determinando a natureza e o funcionamento do instrumento principal para alcançar uma vida feliz, a constituição.<sup>10</sup>

O mundo da ética e da política se constituem pelo agir prático. Por sua vez, a ação prática se distingue de um outro tipo de ação, a ação produtiva. Ambas as ações tem em comum o fato de terem seu princípio naquele que age<sup>11</sup>, estarem dirigidas para um fim<sup>12</sup>, serem capacidades que envolvem o raciocínio e estarem incluídas na classe de coisas que podem variar, isto é, ser de outro modo.<sup>13</sup>

---

<sup>7</sup> *De an.* 412a; I 403a16, 403a24; *Et. Nic.* 1102b-1103a3; 1105b19-1106a13; *Et. Nic.* 1102b-1103a3; 1105b19-1106a13; 1106a; 1119b 11-19. ZINGANO, M. Razão e Sensação em Aristóteles. Porto Alegre: L&P, 1998, p. 9.

<sup>8</sup> *Et. Nic.* 1102b29-32

<sup>9</sup> *De an.* 403a29. Contudo, o estudioso da natureza e o dialético definiriam diferentemente cada uma das afecções da alma; por exemplo, o que é a cólera. Pois este falaria em desejo de retaliação ou algo do tipo, o outro, por sua vez, falaria em ebulição do sangue e calor em torno do coração. Um discorre sobre a matéria e o outro sobre a forma e a determinação.

<sup>10</sup> NATALI, 2016, p. 301

<sup>11</sup> *Met.* 1025b22-27

<sup>12</sup> *Et. Nic.* 1094a1-2; 6-7

<sup>13</sup> *Et. Nic.* 1140a1-5

Diferenciam-se pelo seguinte: “ao passo que produzir tem uma finalidade diferente de si mesmo, isso não acontece com o agir [(prático)], pois que a boa ação é o seu próprio fim”.<sup>14</sup> A ação produtiva é aquela pela qual se constituem as diferentes artes (técnicas) que orientam determinada produção, segundo um fim. E como muitas são os fins, muitas são as artes: p. ex., o fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio.<sup>15</sup>

De um modo geral, a dimensão política do humano envolve esses dois tipos de ação. Isso porque, do ponto de vista das condições reais da vida humana, a realização de tal dimensão não prescinde da ação produtiva, ora porque a manutenção da cidade supõe a satisfação das necessidades básicas (produção de abrigo, vestimentas e alimentação, p. ex.) – e o bem-viver que se visa alcançar na cidade ideal tem como condição a satisfação dessas necessidades básicas; ora porque a cidade depende da arte de governar em correspondência com os artifícios através dos quais uma constituição organiza e orienta a vida em sociedade para a realização do seu fim primordial; ora porque, pressupondo também essas coisas, o conjunto das ações orientadas pelo sentimento de identidade que nasce entre os indivíduos com a mesma percepção quanto ao bem e ao mal, ao justo e ao injusto, torna a família e a cidade resultado de um produzir (ποιέω) (é “a comunidade destes sentimentos [bem, mal, justo, injusto] que produz a família e a cidade”<sup>16</sup>).

Aristóteles oferece (Ética a Nicômaco, X) razões para aceitarmos que, por um lado, o filósofo é aquele que melhor espelha o desenvolvimento mais pleno da dimensão racional do humano; por outro, o político, aquele que melhor realiza a dimensão prática da vida – e aqui não fazemos quais que identificar os dois modos de vida candidatos à vida mais feliz<sup>17</sup>: a vida contemplativa (conforme a mais elevada virtude intelectual) e a vida ético-política (conforme as virtudes práticas). Vale a observação de Natali<sup>18</sup>:

Convém notar que a teoria aristotélica da felicidade se apresenta, à primeira vista, numa dupla versão. Na passagem (...) [Et. Nic.1097b16-20] e na EE [(Ética Eudêmia)] a felicidade é definida como “atividade de uma vida completa segundo virtude completa” (1219a38-39), o que faz pensar que a felicidade é concebida como um desenvolvimento harmonioso de todas as virtudes e as capacidades humanas, isto é, como um fim complexo que compreende em si vários tipos de ações. Noutra passagem da EN, pelo contrário, defende-se que, “se as virtudes são mais do que uma, [a felicidade será vida], segundo a melhor e a mais perfeita” (1098a17).

---

<sup>14</sup> Et. Nic. 1140b6-7; Met. 1025b22-27. BESNIER, B. A distinção entre praxis e poiêsis em Aristóteles. Tradução de Vivianne Castilho Moreira. *Analytica*. Ecole Normale Supérieure de Fontenay-St-Cloud. n. 3, pp. 127-163, 1996

<sup>15</sup> Et. Nic. 1094a1-2; 6-7

<sup>16</sup> Pol. 1253a14-15

<sup>17</sup> Et. Nic., I e X. STEFANI, J; TAUFER, F. Felicidade na Ética Nicomaqueia. *Synesis*, v. 11, n. 1, p. 65-82, jan/jul 2019.

<sup>18</sup> 2014, p. 279.

Com base em Et. Nic. X 6-7, de modo especial no conceito de autosuficiência, pode-se pensar que Aristóteles conclui a perfeita felicidade consiste na vida contemplativa, a que é próprio do filósofo, isto é, dedicado ao aperfeiçoamento máximo da virtude intelectual.<sup>19</sup> Mas mesmo “Aristóteles tem que admitir que, com base noutros critérios, como a beleza e a grandeza<sup>20</sup>, a vida política é superior à vida contemplativa”.<sup>21</sup> Defendendo a tese de que não há uma relação de contradição entre a definição de felicidade em Et. Nic. I e *Ética Eudêmia*<sup>22</sup> e a definição de felicidade em Et. Nic. X, Natali<sup>23</sup> compreender haver uma relação de especificação e esclarecimento entre essas passagens:

o que Aristóteles põe em confronto no final de EN [(*Ética a Nicômaco*)], em X, 6-8, não são dois tipos de atividade, a ação moral e a contemplação, mas dois bioi, isto é, duas formas de vida complexas, vida política e vida teórica. E, algumas passagens, Aristóteles admite que também quem vive a vida teórica tem a necessidade de praticar as virtudes morais (1179a1-9). Poder-se-ia entender, portanto, que a felicidade é, em geral, vida ativa segundo as virtudes e que cada vida ativa segundo as várias virtudes é feliz. Mas, dado que é impossível perseguir todas as atividades virtuosas em conjunto e igualmente, certas escolhas impõem-se, escolhas de um estilo de vida ou de outro; esses estilos de vida, mesmo sendo todos virtuosos, sacrificam algumas potencialidades humanas na obtenção de outras (...) (1175b1-13).

A razoabilidade da proposta interpretativa de Natali pode ser reforçada pela ideia de que Aristóteles, no fim das contas, está ciente de que a vida contemplativa e a vida política são duas dimensões fundamentais a que remete a definição da natureza humana. Ora, por um lado, “não só é a razão a melhor coisa que existe em nós”<sup>24</sup>, mas também, em concordância com nossa condição humana, “atos corajosos e justos, bem como outros atos virtuosos, [que] nós os praticamos em relação uns aos outros, observando (...) toda sorte de ações, bem assim como às paixões; (...) todas essas coisas parecem ser tipicamente humanas<sup>25</sup>. Por sua vez, se é o caso que há uma tendência de se sacrificar algumas potencialidades humanas na obtenção de outras como quando se busca um modo de vida que vise tanto o que é próprio da vida teórica quanto o que é próprio da vida ético-política, mesmo sendo esses estilos de vida todos os virtuosos, resulta que um indivíduo humano precisa sempre privilegiar um modo de vida em função do outro para viver as dimensões que lhes são fundamentais. Ademais, a esses modos de vida teria ainda que se acrescentar aquele que exprime a dimensão senciante do humano e o elemento produtivo da ação. Embora estejam estão incluídos nelas, não caracterizam propriamente nem vida contemplativa nem a vida ético-política. Desse modo, ao menos

---

<sup>19</sup> Et. Nic. 1177a17

<sup>20</sup> Et. Nic. 1178b17

<sup>21</sup> NATALI, 2014, p. 279; Et. Nic. 1178a8)

<sup>22</sup> ARISTÓTELES. *Ética nicomáquea - Ética eudemia*. Traducción y notas por Julio Pallí Bonet. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

<sup>23</sup> 2014, p. 279

<sup>24</sup> Et. Nic. 1177a17

<sup>25</sup> Et. Nic. 1178a8

se nos perguntarmos qual estilo de vida vive mais plena, simultânea e harmoniosamente as capacidades fundamentais do humano enquanto um animal, racional e político (sentir, pensar e agir), temos que o modo de vida mais apto a conciliar essas capacidades e minimizar os prejuízos de uma sobre a outra, de maneira a preservar o que é mais bem próprio de cada uma, é aquele que corresponde ao modo de ser do poeta. Justamente por não viver o estilo de vida que é característico do filósofo ou do político, não se deve esperar uma assimetria entre o modo de ser do poeta e desses últimos. Porém, parece-me adequado pensar que o poeta espelha o desenvolvimento e obtenção de um conjunto das capacidades fundamentais interdependentes que são condição do alcance do fim que lhe é próprio (produzir a obra poética) e que, em certo sentido e até certo ponto, incorpora parte do que é próprio do filósofo e do político para realizar esse fim. Essa realização, portanto, além de exprimir o lado filosófico e ético-político do poeta, exprime igualmente as dimensões que são menos características desses lados: o sentir e o produzir.

## **O poeta como expressão das dimensões fundamentais do humano: sentir, pensar e agir**

O poeta detém a capacidade da ação produtiva relativamente à produção de poesias<sup>26</sup>: “o termo grego *poiētēs* indica quem produz, inventa ou compõe algo, em especial um texto em versos”.<sup>27</sup> Conforme Aristóteles, o “poeta é imitador, como o pintor ou qualquer outro imaginário”.<sup>28</sup> Enquanto imitador de ações humanas<sup>29</sup>, ele produz a poesia e detém uma espécie de arte. Todas as formas de poesia (epopeica, trágica, ditirâmbica, aulética e a citarística) são imitações.<sup>30</sup> Enquanto imaginário, conforme Ross<sup>31</sup>, o poeta mimetiza o mundo que está na sua mente, e isso é característico de quem produz alguma obra de arte. “Por obra de arte são produzidas todas as coisas cuja forma está presente no pensamento do artífice”.<sup>32</sup> “Toda arte [(uma capacidade do reto raciocínio)] visa à geração e se ocupa em inventar e em considerar as maneiras de produzir alguma coisa”<sup>33</sup>, conforme, pois, esse raciocínio reto. Segundo vimos, toda arte produtiva visa um bem cujo fim é distinto da ação. Mas os fins entre as artes são muitos, pois a saúde é o fim da arte médica, o navio da construção naval, a vitória da estratégia, a riqueza da economia<sup>34</sup> e, acrescentamos, a poesia da arte poética. Assim, a arte

---

<sup>26</sup> ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 8. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.1147b13-20.

<sup>27</sup> NATALI, 2014, p. 352

<sup>28</sup> *Poet.*, 1460b9

<sup>29</sup> *Poet.*, 1449b19-29

<sup>30</sup> *Poet.*, 1447a15

<sup>31</sup> ROSS, W. D. *Aristotle*. London and New York: Routledge, 1995, p. 287.

<sup>32</sup> *Met.*, 1032a32

<sup>33</sup> *Et. Nic.* 1140a 10-15

<sup>34</sup> *EN* 1094a1-2; 6-7

poética visa um fim e um bem, a obra poética, resultado de ação produtiva do poeta. Contudo, cabe acrescentar ainda que o fim da poesia é produzir certos efeitos emotivos no expectador/leitor, exigindo do poeta a capacidade de experimentar e fazer outros experimentarem certas sensações. Aqui é devemos circunscrever outra capacidade fundamental do poeta: o sentir.

Assim, como a tragédia visa suscitar as certas emoções (terror e a piedade) e tem por efeito a purificação [κάθαρσις] dessas emoções<sup>35</sup>, os demais gêneros poéticos visam o mesmo. Quanto às emoções da epopeia e da comédia, Aristóteles não informa precisamente quais são.<sup>36</sup> Temos a notícia de que as emoções que dizem respeito ao gênero cômico são aquelas que atendem ao gosto do público.<sup>37</sup> A epopeia deve produzir o prazer que lhe é inerente.<sup>38</sup> Por seu turno, aquelas técnicas de que resultam as mais belas representações correspondem àquelas de que melhor se extraem as emoções, isto é, o reconhecimento (passagem do ignorar ao conhecer) e a peripécia (mudança dos sucessos para o seu contrário).<sup>39</sup> Esses são recursos psicagógicos (movimento de ânimo) da poesia<sup>40</sup>. De modo geral, na medida em que a poesia é um argumento sobre um trecho das ações que o poeta imita<sup>41</sup>, Aristóteles compreende que as emoções surgem “da íntima conexão dos fatos, e este é o procedimento preferível e o mais digno do poeta”.<sup>42</sup>

A preparação dos efeitos da poesia sobre a audiência será realizada especialmente pelo poeta enquanto ser humano, dotado de sensação (razão e ação), e se dará no processo de composição da poesia, na medida em que o poeta é um artífice: a realização do ser artífice do poeta último depende da primeira condição: ser humano. Assim, é imaginando que o poeta recria a realidade<sup>43</sup>, mimetizando o mundo de sua mente<sup>44</sup>. Isso o lança para a experiência de sentir a si mesmo, mas não sem uma pressuposta empatia de sentir o seu semelhante – pois o poeta imita a ação humana.

Mais persuasivos, com efeito, são [os poetas] que naturalmente movidos de ânimo [igual ao das suas personagens] vivem as mesmas paixões; por isso, o que está violentamente agitado excita nos outros a mesma agitação, e o irado, a mesma ira. Eis por que o poetar é conforme a seres bem dotados ou a temperamentos exaltados, a uns porque plasmável é a sua natureza, a outros por virtude do êxtase que os arrebatam.<sup>45</sup>

<sup>35</sup> Poet. 1449b19; Pol., 1341b33-1342b18

<sup>36</sup> Santoro sugere que seja a emoção da poesia cômica seja cólera (Cf. SANTORO, F, 2004, p. 128). Golden, por sua vez, indica que seja a “indignação” (nemesan). GOLDEN, L. Aristotle on the Pleasure of Comedy. In: Rorty A.O. Essays on Aristotle's Poetics. Princeton: Princeton University Press, p. 385. Quanto às emoções próprias à epopeia, embora Aristóteles não as mencione na Poética, temor e piedade também estão implicadas na estrutura dos melhores poemas épicos.

<sup>37</sup> Poet., 1453b 34-35.

<sup>38</sup> Poet., 1459b20

<sup>39</sup> Poet., 1450a28-36; 1452a33; 1454b20

<sup>40</sup> SOUSA, 2010, p. 286

<sup>41</sup> Poet., 1455b1-12; 1456a11

<sup>42</sup> Poet., 1453b-5

<sup>43</sup> Poet., 1460b 9

<sup>44</sup> Met., 1032a32

<sup>45</sup> Poet., 1455a 31-34

Conforme Aristóteles, pressupõe-se que poeta precisa dispor da habilidade de saber conjugar suas capacidades, vale ressaltar, e sua capacidade de sentir certas emoções. Com base nelas, deve, portanto, engendrar uma linguagem eficiente que seja capaz de persuadir e comover o público. O que poeta desenvolve mimetizando o que experimenta em si e observando o ânimo dos seus semelhantes são habilidades relativas à alma sensitiva, ou melhor, às emoções, quer em sua dimensão fisiológica ou psíquica<sup>46</sup>. Ora, Aristóteles situa as emoções na parte sensitiva da alma humana. Em parte, elas são por ele identificadas com um dado fisiológico. É assim que o estudioso da natureza as investiga, isto é, em sua dimensão física, como a ebulição do sangue e o calor em torno do coração, a exemplo da cólera. As emoções são um evento fisiológico, pois encontram no corpo do indivíduo a sua manifestação.<sup>47</sup> Mas há também um aspecto psíquico ou cognitivo que as constitui. Seria nesse sentido que o dialético abordaria a cólera como um desejo de vingança. Ora, as emoções não são refratária à razão. Elas envolvem motivações, crenças e juízos<sup>48</sup> e, é por isso, que podem se tornar matéria de conhecimento e arte<sup>49</sup>. De todo modo, as emoções dizem respeito à dimensão senciente do humano, e são modalizações daquele tipo de sensações que os humanos dividem com outros animais, isto é, prazer e dor.<sup>50</sup> Enquanto são matéria de conhecimento e arte na poesia, ao poeta é exigido a habilidade de experimentar essas sensações não de um ponto de vista particular, mas universal. Aqui já podemos compreender a relação da arte do poeta com a capacidade que é própria do filósofo.

Na mimese (coroada com a fabulação do mito, pois a imitação é, verdadeiramente, a fábula) encontramos a transfiguração da matéria particular da poesia a sua forma mais universal. Ora, a arte poética versa sobre o universal, segundo a regra da necessidade e da verossimilhança (àquilo que é possível ou pode ser de outro modo, segundo a ordem das coisas que são na maioria das vezes).<sup>51</sup> Para Aristóteles, a poesia é mais universal que a história (que versa sobre o particular) e, portanto, mais filosófica (porque visa o todo em sua unidade). Nas palavras do Filósofo, “a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente ao universal, e esta, o particular.”<sup>52</sup> Aristóteles compreende que a característica primária da filosofia – e, portanto, a do filósofo – é a universalidade – e o conhecimento das coisas em geral.<sup>53</sup> Por isso compreende ser a

---

<sup>46</sup> De an.403a24)

<sup>47</sup> Poet., 1453b5

<sup>48</sup> Et. Nic., 1106a; 1119b 11-19; 1106b16-24. Retórica. 2 ed. Tradução de Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005, v. VIII. Tomo I (Obras Completas de Aristóteles),1382a

<sup>49</sup> SANTORO, F. Os coléricos cômicos (Retórica II, 2). Aisthe, n. 4, 2009, p. 120.

<sup>50</sup> Pol. 1253a7-15; Rhet. 403b)

<sup>51</sup> Poet., 1451b 6-10

<sup>52</sup> Poet., 1451b 6-7

<sup>53</sup> Met. 982a20-25



poesia algo mais filosófico, de modo que a realização da arte poética depende do desenvolvimento de certa capacidade filosófica do poeta, isto é, de compreender os dados particulares enquanto estão sujeitos ao universal<sup>54</sup>. A dimensão filosófica exige do poeta especialmente o desenvolvimento máximo de sua racionalidade, muito embora nos limites da arte poética, para lidar com os elementos da composição da poesia que remetem diretamente às tarefas do campo da filosofia e do fazer do filósofo: a busca pela universalidade e a composição de um argumento<sup>55</sup>, mediante a coerência<sup>56</sup>, a clareza<sup>57</sup> e a não-contradição<sup>58</sup>, não apenas do argumento em geral, mas com tudo aquilo que os personagens pensam<sup>59</sup> e dizem<sup>60</sup>. O fato de a escrita manifestar maior rigor racional<sup>61</sup> situa a composição poética, que se realiza primeiramente mediante a escrita, neste rigor racional inerente à própria escrita, não sem observar os elementos citados acima. É verdade que simplesmente pelo fato de ser um artífice, o poeta é um sábio semelhante ao filósofo, na medida em que possui um saber conceitual e sobre a causa<sup>62</sup> – mas em ambos os casos, apenas relativamente à poesia e com interesse práticos (causar certos efeitos); por sua vez, o saber do filósofo é eminentemente teórico, isto é, sem fins práticos, e abrange todas o conhecimento sobre as causas e princípios primários de todas as coisas. Essa característica do saber filosófico que é própria da vida contemplativa é aquela de que prescinde a vida política. Por sua vez, a atividade do poeta não prescinde da vida ético-política.

A primeira e a razão mais fundamental que liga o poeta à vida política é que, conforme à natureza da poesia conferida por Aristóteles, ele imita a práxis humana – aqui estamos na esfera da vida ético-política. Ora, a poesia é imitação das ações humanas<sup>63</sup> e o que as acompanha, isto é, afetos e caracteres<sup>64</sup>. Mas não menos fundamental é o fato de que a finalidade da poesia é provocar certos efeitos sobre o expectador, aqueles que são próprios a cada uma das diferentes espécies de poesia. Se a tarefa de imitar as ações humanas situa de imediato o poeta na esfera ético-política, a tarefa de produzir uma linguagem eficiente característica da poesia e capaz de produzir certas emoções na audiência reforça a via que a experiência prática e sensível do poeta à vida ético-política. Outra razão fundamental é o papel da poesia na polis, segundo Aristóteles, cujo dever não é outro senão o aperfeiçoamento moral do cidadão. Por sua vez, as emoções que a poesia visa suscitar mostra de uma

---

<sup>54</sup> Met. 982a22-23

<sup>55</sup> Poet., 1449a19; 1449b5-6; Poet., 1451a30-35; 1455a34; 1456a11

<sup>56</sup> Poet., 1454a27

<sup>57</sup> Poet., 1458a34, 1458b6-5

<sup>58</sup> Poet., 1455a 24-29; 1461b 15-19; 1454a 26; 1461a 5-6 e 31-32.

<sup>59</sup> Poet., 14450a 5; 1450b 10

<sup>60</sup> Poet., 1450b 12

<sup>61</sup> Rhet. 1413b13

<sup>62</sup> Met. 981ba30-981b5; 981a24-30

<sup>63</sup> Poet., 1451a30-35; 1449b19-29

<sup>64</sup> Poet. 1447a26

só o aspecto da poesia enquanto imitação de ações e o caráter educativo da poesia na formação moral do cidadão.

Há um universo axiológico por detrás das emoções em Aristóteles. O contexto ético-político é eminente na *Retórica*<sup>65</sup>, obra na qual o Filósofo se ocupa em descrevê-las. A elas estão ligadas uma noção de bem e de mal, de justiça e de injustiça, tal como ocorre às emoções próprias da poesia trágica, a saber, o temor e à piedade<sup>66</sup>. O aspecto fisiológico não é exclusivo das *pathé* (emoções). Assim limitado, parece-nos razoável considerá-lo destituído efetivamente de valor moral<sup>67</sup>. Além de mostrar que elas não são refratária à razão, conforme já vimos, na *Retórica* (e na *Poética*), Aristóteles revela o mundo das emoções de fora para dentro do humano, mostrando-as a partir do mundo da convenção, das opiniões geralmente aceitas, da realidade do verossímil, enfim, do campo dilemático da ética vivida. O filósofo faz as *pathé* progredir de sua dimensão fisiológica à cognitiva, explorando a abertura de ambas à razão já conferida da *Ética*. Em sua descrição, são associadas, de imediato, a juízos morais. Mais do que isso, estes passam a ser constituintes das emoções (por exemplo, os juízos sobre o mal e a injustiça acompanham a representação de piedade e temor). Ora, as emoções passam a ser um olhar dirigido às coisas: temo e me compadeço de alguém tendo uma discriminação ética sobre esse alguém, sobre a atitude ou aquilo pelo qual senti tais emoções e, finalmente, sobre as circunstâncias do cenário das ações morais coordenadas entre si. Por exemplo, a emoção do temor é constituída pela opinião de que aquilo que temo é um mal, e eu a sinto em relação a uma pessoa que julgo injusta, num contexto de ações em que sei que ela tem mais poder do que eu para me causar irreversivelmente algum dano. Conforme Kosman<sup>68</sup>, na visão de Aristóteles, p. ex., as tragédias

representam as ações de seres humanos que são basicamente bons, e quem, além disso, tem de modo geral deliberado e escolhido bem, mas acabou agindo mal. O medo e a piedade cujas ocasiões trágicas estão associadas precisamente ao reconhecimento de que a bondade de caráter e bondade da deliberação podem conduzir, não simplesmente a consequências desastrosas, mas a ações desastrosas por parte de um agente.

Finalmente, se a poesia, a exemplo da tragédia, tem por finalidade a catarse das emoções<sup>69</sup>, em que pese o debate inconcluso sobre a questão, algumas vias de interpretação sobre essa questão podem ser reunidas num grupo homogêneo, que salienta o aspecto moral da catarse - ou porque educa o

---

<sup>65</sup> 1356a

<sup>66</sup> *Rhet.*, 1382a;1382b; 1385b;1386a

<sup>67</sup> *Et. Nic.* 1106a 5-6

<sup>68</sup> KOSMAN, A. Acting: drama as the mimesis of praxis. In. Rorty A.O. *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 66

<sup>69</sup> *Poet.*, 1449b19-29; *Pol.*, 1341b33-1342b18

público a controlar suas emoções, e os erros que a que elas podem levar, por meio de exemplos – ou contra-exemplos; ou porque é nos ajuda habituando-nos aos infortúnios, tornando-nos mais aptos a tolerá-los; ou porque a catarse está vinculada a alguma noção de meio-termo de Aristóteles.<sup>70</sup>

De um modo ou de outro, desde a natureza que é própria da sua imitação – imitação da práxis humana – a arte poética insere de saída o poeta no vida ético-política, que emoções, por seu turno, não fazem mais que expandir e reafirmar, enquanto são efeitos que a poesia realmente visam provocar na audiência. Ora, uma vez que o poeta mimetiza o mundo que está na sua mente e persuade melhor aquele que vive as mesmas emoções que a suas personagens, resulta claro que o poeta não só precisa compreender as virtudes morais de um ponto de vista teórico (tal qual o Aristóteles busca fazer no Livro II da Retórica), mas deve realmente experimentar em si o universo ético-político intrínseco às emoções, aquelas que ele pretende mimetizar através da poesia e despertar na sua audiência. Isso não necessariamente torna o poeta ético e politicamente virtuoso, mas o insere numa experiência efetiva mediante a qual, de algum modo, ele exercita profundamente a dimensão ética-política do ser humano, quer vivendo em si os dramas ético-político mais paradigmáticos das personagens que ele mimetiza, nos quais incorpora suas palavras, sensações e pensamentos, quer mediante o seu compromisso efetivo na formação moral do cidadão e da cidade virtuosa.

## **Conclusão**

Com base na definição aristotélica de humano (anima, racional e político), tentei mostrar que Aristóteles compreende haver três dimensões mais fundamentais do humano, a saber, o sentir, o pensar e o agir. Se, por um lado, o filósofo é aquele que melhor espelha o desenvolvimento mais pleno da dimensão racional, por outro lado, o político é quem que melhor realiza a dimensão do agir prático, isto é, a vida ético-política. Trata-se aqui daqueles dois modos de vida ao quais que o filósofo associa à vida mais feliz. Com base especialmente na Poética, na Retórica, na Política e na Ética a Nicômaco, tentei defender a ideia de que a dimensão do sentir e do agir produtivo na vida humana aponta o poeta não apenas como aquele capaz de viver mais plenamente essa dimensão, mas também como aquele que melhor e de modo mais adequado que o filósofo e o político é capaz de incorporar, até certo ponto, o que é característico de um e de outro, harmonizando sem prejuízos de uma para outra as capacidades mais fundamentais do humano. O poeta incorpora em seu modo de ser senciente e produtivo um aperfeiçoamento racional filosófico e uma parte da função ético-política a que se destina a vida ético-política. A possibilidade de defesa dessa proposta repousa no fato de que

---

<sup>70</sup> HALLIWELL, Stephen. Aristotle's Poetics. With a new introduction. Chicago: The University of Chicago Press, 1998. GAZONI, Fernando Maciel. A Poética de Aristóteles: tradução e comentários. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 19.

Aristóteles resguarda uma íntima relação entre filosofia, poesia e a finalidade ético-política da arte poética na educação moral da cidade, especialmente, com relação à função das pathé (emoções) na arte poética. Ademais, vimo que emoções na arte poética não se explicam plenamente sem referência ao logos e ao universo da axiológico da ação prática que poeta imitada através da poesia. Assim, o modo de ser que é próprio do poeta exprime aquelas dimensões mais fundamentais do humano: o sentir, o pensar e o agir.

### Referências

- ARISTÓTELES. Metafísica. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002, v. 2.
- \_\_\_\_\_. Política. Ed. bilíngue grego-português. Tradução e notas António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- \_\_\_\_\_. Arte Poética. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- \_\_\_\_\_. Poética. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 8. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.
- \_\_\_\_\_. Retórica. 2 ed. Tradução de Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005, v. VIII. Tomo I (Obras Completas de Aristóteles).
- \_\_\_\_\_. Ética a Nicômaco. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores)
- \_\_\_\_\_. Nicomachea Ethics. Translated by E. D. Ross. In. BARNES, J. Complete Works (Aristotle). Princeton: Princeton University Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. Ética nicomáquea - Ética eudemia. Traducción y notas por Julio Pallí Bonet. Madrid: Editorial Gredos, 1998.
- \_\_\_\_\_. De anima. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- BESNIER, B. A distinção entre a práxis e poiêsis em Aristóteles. *Analytica*, 1996, v. 1, n. 3.
- GAZONI, F. M. A Poética de Aristóteles: tradução e comentários. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- KOSMAN, A. Acting: drama as the mimesis of praxis. In. Rorty A.O. *Essays on Aristotle's Poetics*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- NATALI, C. Aristóteles. Tradução Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Paulus, 2016.
- ROSS, W. D. Aristotle. London/ New York: Routledge, 1995.
- SANTORO, F. Os coléricos cômicos (Retórica II, 2). *Aisthe*, n. 4, 2009.
- ZINGANO, M. Razão e Sensação em Aristóteles. Porto Alegre: L&P, 1998.